

Ricardo de Almeida Jorge

Médico e Humanista Português, Higienista Intemporal

Amélia Ricon Ferraz

Museu de História da Medicina "Maximiano Lemos", Faculdade de Medicina da Universidade do Porto

Por ocasião dos 150 anos do nascimento de Ricardo de Almeida Jorge (1858-1939) impunha-se homenagear tão destacada personalidade médica portuguesa. Dotado de grande erudição e sabedoria discursava e escrevia sobre os mais diversos temas da medicina como sobre biologia, filosofia, pedagogia ou crítica científica, histórica e literária. Enquanto professor universitário, médico municipal, fundador e director de organismos nacionais soube, pelo seu saber e pelo rigor da metodologia adoptada, sensibilizar os dirigentes e elevar os estudos e a prática da Higiene e da Saúde Pública em Portugal. O seu nome ultrapassou os limites das fronteiras nacionais, sendo reconhecido internacionalmente o seu valor e o seu trabalho, em particular no âmbito da epidemiologia.

Nos finais do século XIX as descobertas da microbiologia transformaram a ciência médica e a medicina sanitária contemporâneas. Uma contextualização internacional neste domínio impunha-se para melhor compreender a importância da vida e obra de Ricardo de Almeida Jorge.

Palavras-chave: Ricardo de Almeida Jorge; História da Saúde Pública em Portugal; História da Medicina oitocentista.

ARQUIVOS DE MEDICINA, 22(2/3):91-100

Apreocupação com a identificação da causa das doenças é possivelmente contemporânea da vida humana. Remonta à Antiguidade o primeiro sistema médico que interpretava a saúde e a doença expresso no *Corpus Hipocraticum*. Durante séculos a teoria humoral explicava de forma universal as alterações associadas à doença, qualquer que fosse a sua natureza, e orientava o tratamento. No século XVI, com o renascimento anatómico, cirúrgico e médico, surgem as primeiras contestações à teoria humoral. No século XVII, A. von Leeuwenhoek (1632-1723) introduziu o microscópio e observou, pela primeira vez, as bactérias. A questão da geração surgiu ao constatar a presença de "glóbulos móveis", semelhantes a "átomos animados", em todos os líquidos com resíduos de matérias orgânicas. Tal facto, suscitou acérrimas discussões sobre a teoria da geração espontânea no domínio da vida microscópica. A Microbiologia tornou-se viável graças ao progresso da microscopia, nomeadamente com a introdução das lentes acromáticas e do condensador acromático.

Na primeira metade do século XIX iniciou-se a identificação dos microrganismos que se relacionavam com as doenças humanas. Coube a um jurista italiano A. Bassi (1773-1856) a primeira demonstração de alguns destes microrganismos causarem doenças de tipo específico. Durante vinte anos estudou o agente causal

da muscardina, doença que afectava o bicho-da-seda com intensas repercussões na indústria italiana, que identificou em 1834 (*Botrytis bassiana*). Sucederam-lhe outros investigadores tais como os médicos Johann Lukas Schonlein (1793-1864) - *Archorion schonlinii*, tinha favosa - e D. Gruby (1810-1844). Chegou-se a falar em "especificidade biológica" sem se aceitar o conceito de contágio formulado, nos primórdios do século XIX, por G. Rassori (1766-1837) e Jacobo Henle (1809-1885) que carecia do conhecimento da morfologia dos agentes patogénicos e do seu aparecimento. D. F. Muller (1730-1784) na obra "Animacula Infusoria fluviatilia et marina" (1786) sistematiza, pela primeira vez, os agentes microbianos embora de forma imprecisa. Mais exactos foram os estudos de C.G. Ehrenberg (1795-1876), principalmente na protozoologia e de F. Cohn (1828-1898) na classificação morfológica das bactérias e na intuição evidenciada de ser indispensável nesta classificação a apresentação das suas características fisiológicas.

Desde a Antiguidade considerava-se que os animais organizados eram capazes de nascer de modo espontâneo a partir da matéria em decomposição. No século XVII, F. Redi (1626-1697) contestou pela primeira vez esta teoria e os estudos de Leeuwenhoek evidenciaram que a matéria viva podia morrer mas a matéria inerte não podia tornar-se viva. Coube a Lazzaro Spallanzani (1729-

1799) o mérito de com as suas experiências identificar nos microrganismos uma gradação térmica de resistência e de concluir que o aquecimento de uma infusão e do ar contido num recipiente, na ausência de contacto com o ar exterior, não permitia o desenvolvimento de microrganismos. Contudo, as discussões prosseguiram, apesar de outros importantes contributos no tempo (F. Schulze, Schwann, T. von Dusch). Os defensores da geração espontânea alegavam que o aquecimento do ar destruíra a capacidade de manter a vida (1).

A Microbiologia nasceu no decurso das investigações do fenómeno da fermentação. Os estudos de T. Schwann (1810-1882), Ch. Cagniard-Latour (1777-1875) e F. T. Kützing (1807-1903) sobre as leveduras demonstraram individualmente a morfologia das células, identificaram a sua natureza e o processo de formação e explicaram a acção destas células sobre os compostos químicos da matéria que sofre a fermentação (1837). Pela primeira vez, B. Gaspard (1788-1871) aponta o papel patogénico da matéria em putrefacção.

Pierre-Adolphe Pirry (1794-1879) designa de *septicemia* a intoxicação pútrida sanguínea e *piemia* a introdução de pús no sangue sem estabelecer as diferenças e os mecanismos patogénicos envolvidos.

Casimir-Joseph Davaine (1812-1882) estudou o mecanismo patogénico do *bacillus anthracis*, agente da doença do Antrax, nos animais e no homem, expondo a ideia de contágio, embora esbarrasse com o desenvolvimento do processo de esporulação apresentado, mais tarde, por Robert Koch em 1876.

Coube a Louis Pasteur (1822-1895), químico de formação, a síntese definitiva da funcionalidade orgânica. Interessado na cristalografia e na química molecular transitou para o estudo dos fermentos. Partiu da hipótese de que a vida é função da dissimetria molecular e questionou se a fermentação não poderia ser o resultado da intervenção de um ser vital. Pasteur identificou microrganismos associados aos fermentos lácteos e com a fervura do líquido obteve *fermentos puros*. Comprovou que em cada fermentação existia um agente microbiano específico, contrariando a teoria química da fermentação, preconizada por Berzelius, Liebig, Wohler e Berthelot. Em 1864, Pasteur na publicação "Des Générations Spontanées" demonstrou que um meio preservado da acção dos agentes exteriores ou isento dos mesmos permanecia estéril. Um ano antes constatara que a fermentação decrescia e se extinguia sob a acção do oxigénio. Contrariou os investigadores do tempo ao testemunhar que as leveduras viviam sem necessidade de oxigénio livre ou dissolvido e, aplicou pela primeira vez, os neologismos *aeróbio* e *anaeróbio*. Os estudos da fermentação conduziram-no às investigações sobre a natureza das doenças. Começou por se dedicar às doenças do bicho-da-seda passando às dos vertebrados e do homem. Nos vertebrados estudou o carbúnculo e a cólera nas galinhas e a erisipela e a peripneumonia nos porcos. Em colaboração com E. Roux (1853-1933) e Ch. Chamberland (1851-1908) demonstrou a etiologia do carbúnculo e iniciou as bases de uma profilaxia em

termos científicos, condicionadas por inúmeras dificuldades técnicas e conceptuais, tais como o aparecimento de esporos e o perigo de uma inoculação. A sua atenção centralizou-se nos efeitos que produzia o agente infeccioso no organismo são, vencendo as teorias humorais vigentes e dando supremacia à microbiologia. Isolou o agente da raiva cuja virulência atenuou com procedimentos artificiais. Conseguiu impedir o seu poder patogénico e conservar a capacidade de estimular a resistência electiva do organismo receptor, criando as bases da teoria humoral da imunidade desenvolvidas por Buchner (c. 1880). Investigou a septicemia puerperal, o furúnculo e a osteomielite no domínio da patologia humana. Pasteur foi o fundador da imunoterapia como o confirmam os seus trabalhos sobre a descoberta da imunização passiva de galinhas contra a cólera, a vacinação preventiva de ovelhas contra o carbúnculo e o tratamento profiláctico da raiva. A sua teoria microbiana das doenças iria transformar a Ciência Médica e a Medicina Sanitária contemporâneas (1).

Intimamente relacionada com a obra científica de Pasteur estavam os trabalhos de Robert Koch (1843-1910). Koch idealizou processos técnicos e conservou os existentes com uma finalidade bem definida. Criou uma metodologia nova e eficaz na descrição e estudo dos microrganismos, facilitada pela introdução da objectiva de imersão no microscópio e a microfotografia pela adopção de diferentes métodos de fixação, dos meios de cultura sólidos e transparentes e a esterilização pelo vapor. Definiu as bases para a identificação das propriedades e características de um agente patogénico ("os postulados de Koch") que constituem a teoria bacteriana da doença por si proposta: a determinação da presença constante do agente microbiano em todos os casos da doença; a necessidade de preparar um cultivo puro que tinha de ser mantido durante várias gerações e a reprodução experimental da doença em animais de laboratório, por intermédio de um cultivo puro separado por várias gerações de micróbios primitivamente isolados. Condiçionaram-no as particularidades de cada espécie que careciam do desenvolvimento da patologia comparada. Os seus trabalhos conduziram-no à necessidade de conhecer novos agentes etiopatogénicos e à génese e epidemiologia das doenças infecciosas no homem. Identificou os agentes responsáveis pelas infecções nas doenças cirúrgicas, pela conjuntivite infecciosa e o microrganismo do grupo dos micróbios produtores de septicemia anaeróbica com ponto de partida uterina. Na génese e epidemiologia das doenças infecciosas dedicou-se a várias doenças tais como a cólera, a febre tifóide, o paludismo, a febre recorrente, a peste, a tripanossomíase e a tuberculose, entre as principais. Koch demonstrou a origem infecciosa de certas doenças e foi o primeiro a esquematizar as propriedades dos diferentes agentes e a indicar os princípios de declaração de um microrganismo ser o agente específico de determinada doença. Completou os trabalhos de Pasteur, no âmbito da assepsia, nomeadamente com a invenção de diferentes medidas profilácticas e a introdução dos primeiros ensaios

terapêuticos. Destes estudos, os mais emblemáticos, foram os que se associaram ao “fenómeno de Koch” e à descoberta da tuberculina em 1891. Foi graças ao médico Ch. Mantoux (1877-1947) que se efectivou a introdução na semiologia da reacção subcutânea produzida pela tuberculina (1910).

Foram seguidores da obra de Louis Pasteur, E. Roux, E. Duclaux (1840-1904), Ch. Chamberland, T. Thuillier (1856-1883), I. Strauss (1845-1896), E. Nocard (1850-1903), J. Joubert (1834-1910), A. Yersin (1863-1943) e A. Calmette (1863-1933).

E. Roux, em colaboração com Yersin, evidenciou a especificidade do bacilo de Klebs e Löffler na difteria e o método de produzir uma toxina diftérica. Efetuou as primeiras imunizações no *Hôpital des Enfants – Malades* (1894) e as investigações sobre o tétano e a cólera, nomeadamente sobre a toxina colérica. A. Yersin identificou a *Pasteurella Pestis* e confirmou os efeitos do bacilo diftérico por acção das exotoxinas. E. Duclaux sucedeu a Louis Pasteur na direcção do Instituto e foi pioneiro da bioquímica bacteriológica. Ch. Chamberland prestou um notável contributo no âmbito das técnicas bacteriológicas e foi o autor do autoclave, equipamento de esterilização dos meios de cultura e instrumentos. T. Thuillier isolou a *Erysipelothrix Rhusiopathiae* (1882) e I. Strauss diagnosticou o mormo. A. Calmette introduziu a vacinação antivariólica e anti- peste e a prevenção antituberculosa (técnica B.C.G., Bacilo de Calmette- Guérin).

Os seguidores de R. Koch que fundaram a escola alemã de microbiologia foram E. Klebs (1834-1913), F. Löffler (1852-1915), C. J. Eberth (1835-1926), T. Escherich (1859-1911), R. Pfeiffer (1858-1945), F. Fehleisen (1854-1924), A. Nicolaier (n.1862), A. Weichselbaum (1845-1920) e H. Schottmuller (1867-1936).

E. Klebs expôs as características bacteriológicas das feridas por armas de fogo (1870-71) e isolou, pela primeira vez, o agente da difteria (1883), identificado por Löffler em 1884. K. Friedländer identificou o *Streptococcus Pneumoniae* em 1882 e F. Löffler o bacilo diftérico (1884) dos equídeos, em colaboração com Schutz, e a natureza do vírus da febre aftosa. Estudou o tifo do rato e a bacteriologia da água e aperfeiçoou os métodos de coloração com azul de metileno e as técnicas para cultivo de bactérias.

Sucederam-se inúmeras descobertas de agentes etiopatogénicos de várias doenças tais como o bacilo tifoideu (C. J. Eberth), o colibacilo (T. Escherich, 1885), o agente da influenza (R. Pfeiffer), o estreptococo na erisipela (F. Fehleisen), o bacilo tetânico (A. Nicolaier), o meningococo (A. Weichselbaum, 1887), entre outros. Coube a R. Pfeiffer a realização de importantes ensaios sobre a vacinação anticolérica no homem (1896) e a publicação de um atlas microfotográfico sobre Bacteriologia em colaboração com Franckel.

Neste domínio, em Inglaterra, salientaram-se os trabalhos de Joseph Lister (1827-1912). Lister aliou a Cirurgia à investigação microscópica da inflamação dos tecidos. Identificou as propriedades desinfectantes do ácido fénico que introduziu na prática cirúrgica. A antisepsia carecia

dos avanços da Bacteriologia para se afirmar na Cirurgia. Na esteira de Lister salientaram-se A. Ogston (1844-1929), criador do género *Staphylococcus*, A. Wright (1861-1947) e D. Bruce (1865-1931) que descobriram e cultivaram o *Micrococcus melitensis*, agente da febre-de-Malta. Em conjunto, prepararam as descobertas que se sucederam tais como a da lisozima (1921) e a da penicilina (1928) por A. Flemming (1881-1955).

Em Itália, A. Ducrey (1860-1940) identificou o agente do cancro mole, A. Mafferci (1847-1903) cultivou o bacilo da tuberculose aviária (1890), G. Ratone (1857-1910) estudou o tétano e a acção do pneumococo e A. Negri (1876-1912) descreveu os corpúsculos específicos da raiva.

As primeiras investigações sobre a natureza dos vírus ocorreram nos finais do século XIX com os trabalhos de Löffler e de Frosch sobre a febre aftosa (1892) e os de Ivanovsky e de Beijerinck sobre o mosaico do tabaco (1898).

Segundo Klebs a patologia das doenças infecciosas apresentava uma morfologia e uma fisiologia próprias, uma novidade para a época. Fundamentado mais em princípios pragmáticos que biológicos considerava que os agentes bacteriológicos possuíam uma acção clínica específica. Exagerou ao considerar que a alteração da vida orgânica em geral era uma consequência da acção de um agente microbiano. Via a doença como uma luta entre a célula e a bactéria. Considerou que as doenças infecciosas possuíam uma configuração orgânica especial.

Na segunda metade do século XIX e nas primeiras décadas do século XX adquiriu-se a consciência do conceito de Saúde Pública. A noção do contágio teve uma importância capital. Na organização da Medicina Preventiva e na sua consistência social surge o conceito científico de Higiene. As origens da Medicina Preventiva remontam à obra de J. P. Frank (1745-1821). A utilização da estatística demográfico-sanitária, como base da Higiene Pública, remonta aos trabalhos de J. Bentham (1748-1832), L. A. Quetelet (1796-1874) e, fundamentalmente T. Southwood Smith (1788-1861), N. Annott (1788-1874) e E. Chadwick (1800-1890).

Nos seus primórdios a Higiene e a Profilaxia herdaram da Bacteriologia as bases científicas que as catapultaram para o primeiro lugar na vida das sociedades mais organizadas. A identificação das causas das doenças infecciosas determinou a adopção de um conjunto de medidas individuais e no seio dos agrupamentos demográficos, muitas difíceis de normalizar na prática, fruto dos fortes condicionalismos económicos e sociais. A escassez de recursos farmacológicos mobilizou todos os esforços no sentido da profilaxia. Os progressos da Bacteriologia associaram-se a uma transformação da Cirurgia, da Obstetrícia e da Medicina Experimental. Novos hábitos de higiene urbana requereram a organização de serviços públicos que condicionaram a fisionomia dos agregados populacionais. Foi ainda a Bacteriologia que conduziu à individualização de um importante capítulo da Ciência Médica, a Imunidade. É seu objectivo o estudo das

reações que ocorrem nos organismos quando invadidos por agentes inertes ou micróbios. A teoria celular da imunidade (fagocitose), difundida por Élie Metchnikoff (1845-1917), opunha-se à teoria humoral por Behring e Kitasato (soros antitetânico e antidiftérico). No início do século XX Alwroth Wrigth (1861-1947) acabou com esta dicotomia afirmando a importância dos factores humoral e celular no funcionamento defensivo dos organismos. Teve o mérito ainda de demonstrar que as vacinas preparadas com os agentes causais da infecção podiam aumentar a resistência dos doentes e favorecer a cura, salientando o valor da vacinação, na terapêutica, para além do campo preventivo já conhecido. Foi o estudo de uma reacção da Imunidade, a aglutinação, que tornou inócua a terapêutica pela transfusão de sangue. A imunidade revestiu-se do maior interesse na Biologia das doenças infecciosas.

Os progressos ocorridos no seio da Histologia, Fisiologia e Clínica Médica trouxeram importantes aquisições para o progresso médico e evidenciaram que a Microbiologia embora prestasse um contributo notável para a compreensão da doença não a explicava na globalidade (1).

Este foi o tempo em que viveu Ricardo de Almeida Jorge, distinto aluno e professor da Escola Médico-Cirúrgica do Porto (2,14). Nascido no Porto a 9 de Maio de 1858 muito cedo evidenciou qualidades que faziam antever uma brilhante carreira profissional. Ingressou na Escola Médico-Cirúrgica do Porto a 2 de Outubro de 1874 (Figura 1). Eram director e secretário da Escola os

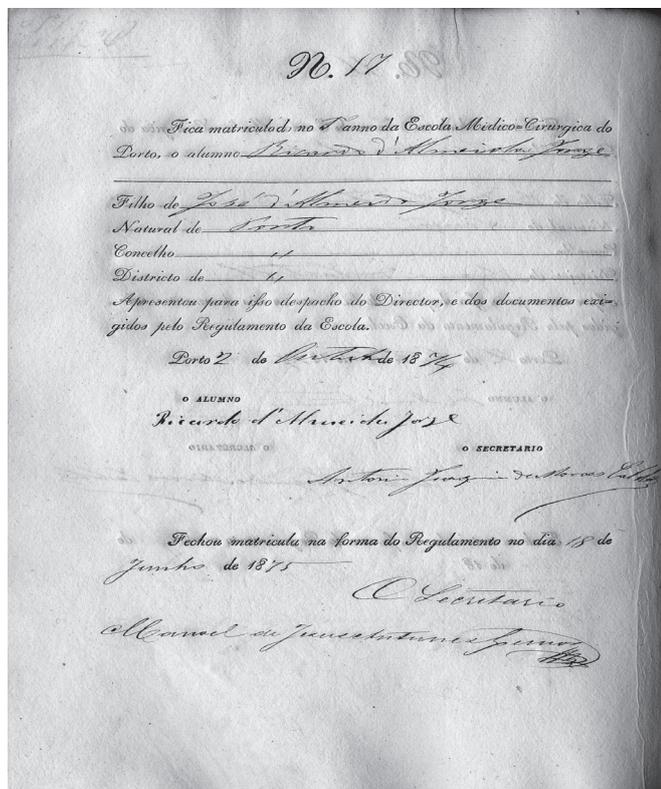


Fig. 1 - Matrícula de Ricardo Jorge no 1º ano da Escola Médico-Cirúrgica do Porto (2-X-1874). Museu de História da Medicina "Maximiano Lemos" da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto.

professores Manuel Maria da Costa Leite (1813-1896) e António Joaquim de Moraes Caldas (1846-1914). Ao longo do curso granjeou cinco prémios (1ª, 3ª, 5ª, 7ª, 9ª, 10ª e 11ª cadeiras) e cinco *Accessit* (2ª, 4ª, 6ª, 8ª e no curso de Patologia Geral) (7,8,9,10). Teve como discípulo Plácido da Costa (1849-1916) que viria a ser igualmente um prestigiado professor desta Escola, introdutor dos estudos de Fisiologia e Oftalmologia entre nós, inventor e divulgador de instrumentos e aparelhos destas especialidades médicas, hoje pertença do Museu de História da Medicina "Maximiano Lemos" da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto (3). Plácido da Costa foi o autor das fotografias das preparações do bacilo da peste efectuadas por Ricardo Jorge durante o surto da peste bubónica no Porto em 1899, publicadas em monografia própria. Ricardo Jorge concluiu o curso a 26 de Julho de 1879 com a defesa da dissertação inaugural "Um ensaio sobre o nervosismo" perante um júri constituído pelo presidente, o professor Eduardo Pereira Pimenta (1835-1898), lente da cadeira da Clínica Cirúrgica, e os examinadores os professores Manuel Rodrigues da Silva Pinto (1850-1895) e Manuel de Jesus Antunes Lemos (1850-1885), responsáveis respectivamente pelas docências de Clínica Médica e Anatomia Patológica, o lente substituto da secção médica Vicente Urbino de Freitas (1849-1913) (11,12) e o secretário António de Azevedo Maia (1851-1912) (Figura .2). Na introdução da dissertação explica a selecção do tema e o programa da mesma que se impõe lembrar: "O nervosismo, derrubado ha vinte annos pelos golpes vigorosos do grande athleta do cellularismo, volta hoje á arena da philosophia medica,



Fig. 2 - Ricardo Jorge quintanista da Escola Médico-Cirúrgica do Porto (1879). Museu de História da Medicina "Maximiano Lemos" da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto.

com animo energico no combate e com esperança firme de alcançar victoria.

As tendencia nevrístas assoberbam de facto hoje toda a medicina, invadem todos os recantos da biologia. Percorram-se a maioria das publicações modernas, que n'ellas se verificará mais ou menos ostensivo o carimbo nervosista.

Arrastado por um impulso intimo de sentimento na corrente de taes doutrinas, ao ter de escrever a minha dissertação inaugural, eu não podia deixar de lançar mão d'um assumpto que tinha um duplo direito á minha escolha: o interesse palpitante de momento, e a representação das ideias que tinha sempre afagado durante a minha carreira escolar.

Se os factos e as theorias que fundamentam o systema nervosistas ahi jazem n'uma massa immensa de publicações antigas e modernas, a aggremação dos seus principios capitaes, a compilação dos seus dogmas não tem sido feita.

Realisar esta tarefa, era o programma da minha these. Traçar as phases evolutivas do nervosismo, especialisar o papel do systema nervoso nos phenomenos physiologicos e pathologicos, demonstrar a séde nervosa das acções pharmaco-dynamicas, apontar o systema nervoso presidindo á evolução geral dos organismos, e chamar por ultimo a paralelo as mais notaveis theorias medicas, taes eram os capitulos successivos do meu trabalho” (20).

Vocacionado para seguir a carreira académica apresenta-se, no ano immediato, a concurso com a tese “Localizações motrizes do cérebro”. Por decreto de 27 de Abril de 1880 foi nomeado lente substituto da secção cirúrgica. Na escola, nos primeiros tempos, empenhou-se na organização do ensino e da investigação científica da Histologia e da Fisiologia e na clínica dedicou-se à patologia do sistema nervoso e ao seu tratamento pela hidroterapia, electricidade e ginástica. Fundou, em colaboração com o Professor Augusto Henrique de Almeida Brandão (1846-1935), o *Instituto Hidroterapico e Electroterapico*, nas instalações do Grande Hotel do Porto (1881), dirigido ao tratamento das patologias do foro neurológico, gastro-intestinal e reumatológico.

Adolfo de Sousa Reis, preparador de diferentes cadeiras do Instituto Industrial e Comercial e professor de Química Industrial na Escola Industrial do Infante D. Henrique, desenvolveu uma importante investigação química sobre as águas termo-medicinais do Gerês e solicitou a Ricardo Jorge que prefaciasse a publicação do seu trabalho. Este facto marca o início de uma intensa actividade científica e clínica como médico termal no Gerês. Estudou no animal e no homem os efeitos neuromusculares da intoxicação aguda e as propriedades terapêuticas dos fluoretos alcalinos, identificados por Adolfo Reis. Na Escola Médica e na cidade proferiu várias conferências publicadas numa monografia “Hygiene Social applicada á nação portuguesa” (18) em que Ricardo Jorge evidenciou “estar senhor das mais actuais aquisições scientificas em matéria de hygiene do ar, do solo e das águas, mostrando-nos assim que o assunto

lhe merecera apaixonado estudo”.

Sempre atento ao progresso científico médico internacional não se podia alhear da introdução da electricidade na prática clínica tendo sido autor das primeiras publicações nacionais sobre o electrodiagnóstico e a electrometria médica. Paralelamente os avanços científicos no âmbito da Fisiologia, da Química Biológica e da microscopia e da electricidade na Medicina impunham o seu conhecimento e implementação na Escola Médica do Porto. Tal facto, justificou as visitas de estudo que efectuou em Estrasburgo aos serviços de Friedrich Goltz (1834-1902), Ernst Félix Immanuel Hoppe-Seyler (1825-1895), Friedrich Daniel von Recklinghausen (1833-1911) e Guillermo von Waldeyer, e em Paris, à Salpêtrière com Jean-Martin Charcot (1825-1893), nos finais de 1882 e primórdios do ano seguinte.

No dizer de Hernâni Bastos Monteiro (1891-1963), Ricardo Jorge foi “um poligrafo de excepcionais recursos e de fecundidade pasmore, escrevendo sem uma pausa-memórias e artigos, que nem sequer posso citar, sobre medicina, biologia, filosofia, pedagogia e critica scientifica, histórica e literária; sendo, por vezes, dos primeiros, em Portugal a chamar a atenção para assuntos recentes estudados no estrangeiro; traduzindo obras, dizendo conferências, traçando o elogio de mortos ilustres ou queridos; discutindo, com muito brilho e calor, nas agremiações médicas do tempo; fundando e dirigindo ou colaborando em revistas scientificas; apoiando com entusiasmo, em 1884, na «Medicina Contemporânea» e na «União Médica», a ideia de ter a classe representação no Parlamento, dada a subida importância e autoridade da Medicina em questões sociais e politicas; pregando pela modernização dos métodos pedagógicos e introdução, no ensino médico, de trabalhos práticos e de experimentação animal; dirigindo o Laboratório de Higiene, criado pela Câmara Municipal e notabilizado por investigações de mérito real; Ricardo Jorge – inteligência vivíssima, cultura rara – durante vinte anos agitou o meio portuense e influiu na vida da antiga Escola e em toda a actividade médica e intelectual da cidade e do País” (13) (Figura 3).

A verdade constitui a única divisa que soube respeitar, cultivar e prestigiar no ensino, na investigação científica, na prática clínica e nos seus escritos. No prefácio da edição de 1883 do “Anuario dos Progressos da Medicina em Portugal” de autoria de Maximiano Lemos, Ricardo Jorge retrata o estado do ensino médico e da Medicina em Portugal. Fá-lo com isenção, rigor e uma tal cutilância que uma vez lido não se esquece, uma impressão que nos lega a leitura de todos os seus escritos. Por carta de lei de 23 de Maio de 1884 o Ministro Augusto César Barjona de Freitas (1834-1900) criou o Conselho Superior de Instrução Pública. Ricardo Jorge representou a Escola Médica do Porto neste Conselho e foi o relator dos seus pareceres sobre o ensino na sua escola e as reformas a instituir no âmbito das medicinas clínica e experimental e das especialidades médicas, tendo como referência o que de melhor se desenvolvia no estrangeiro. Do Conselho Superior de Instrução Pública não surgiram directrizes



Fig. 3 - Júlio Costa - Professor Ricardo de Almeida Jorge (1858-1939). - Lente proprietário de Higiene e Medicina Legal e secretário da Escola Médico-Cirúrgica do Porto. - Retrato, 1922. - Óleo s/ tela. - 92 x 72cm. Museu de História da Medicina "Maximiano Lemos" da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto.

ou qualquer suporte para a implementação de um ensino médico em Portugal de melhor qualidade. Continuaram as Escolas Médicas a procurar no seu seio as soluções para a resolução das suas dificuldades. No Porto, graças às sobras do Legado Nobre e ao empenho do corpo docente, criaram-se quatro cursos auxiliares (Histologia e Microscopia prática, Propedêutica Médica e Propedêutica Cirúrgica, Higiene e Técnica Sanitária) e um lugar de assistente de Histologia Patológica e Bacteriologia, entre outras iniciativas. Ricardo Jorge ficou responsável pela docência do curso de Higiene e Técnica Sanitária. Na sequência do trabalho desenvolvido no Porto, como membro da comissão técnica de apuramento do estado sanitário da cidade, relatado na obra "Saneamento no Porto" (1888), foi convidado a dirigir os Serviços Municipais de Saúde e Higiene da cidade do Porto (1892) e o Laboratório de Bacteriologia camarário (1892), tendo iniciado a publicação regular do Anuário e do Boletim mensal de estatística sanitária do Porto (Janeiro 1893) (Figura 4). De estudioso e divulgador da Higiene Ricardo Jorge passou a funcionário de Saúde Pública com encargos oficiais.

Por decreto-lei de 18 de Abril de 1895 passava a lente proprietário da 11ª cadeira da Escola Médico-Cirúrgica do

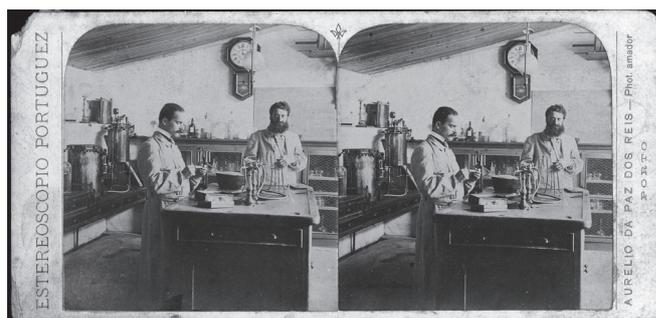


Fig. 4 - Ricardo Jorge no Laboratório de Bacteriologia da Câmara do Porto (1892). Museu de História da Medicina "Maximiano Lemos" da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto.

Porto, Higiene e Medicina Legal. Desde 1881 a 1900 foi secretário da mesma Escola. Na sequência do trabalho estatístico desenvolvido editou a monografia "Demografia e Higiene da cidade do Porto" (17) (1899), obra da especialidade,,, pioneira no tempo. A série de monografias epidemiológicas de que foi autor constituem o momento alto da sua actividade médica. Sobre as condições de insalubridade do Porto, responsáveis pelas elevadas taxas de mortalidade, nomeadamente infantil, Ricardo Jorge deixou-nos um retrato fiel da realidade:

"A ferocidade com que o Porto se ceva nas edades tenras, depende de causas geraes que mais ou menos aggravam por toda a parte a mortalidade infantil, aqui porém desgraçadamente requintadas.

São as classes trabalhadoras as que mais sacrificam a prole. A miseria é uma terrivel inimiga das creanças; á mãe necessitada falta vigor e tempo para amamentar e cuidar devidamente dos filhos. Quando forçadas a buscar o pão fóra de casa, como hoje é tão commum pelo emprego progressivo da mulher na industria, a creança fica durante o dia abandonada ou entregue a mãos descuidadas.

Mas não se culpe só o estado social; a ignorancia, a negligencia e até o descaroamento, esses constituem os agentes mais deleterios da propria infancia. Alimentam-se viciosamente as creanças; dão-lhes comidas ordinarias, permaturamente e sem escolha; até de vinho os ingurgitam. E note-se que não é só na gente pobre e ignorante que estes estupidos preconceitos subsistem.

O proprio aleitamento, quando é feito a mamadeira e leite de vacca, corre com tal porcaria, que se transforma n'um inficionamento progressivo. Quebram-se as forças digestivas, a creança fenece e morre pelo tubo gastrointestinal, inutilisado por tão macabros regimes.

Chega-se a pasmar, não de que tantas morram, mas de que muitas relativamente escapem; tambem, os enfesados logo desde o berço, lá vão depois tombando ás garras da escrofulose e das infecções.

O contagio voga sem peias. Peias sanitarias bem poucas lhes offerece ainda a nossa organização prophylatica. O povo então entende musulmanamente que só é atacado quem Deus quer; e ninguem guarda os

filhos do contacto com um varioloso e um diphterico. Pelo contrario, as mães exclamam beatamente: «os anginhos querem-se uns com os outros.» As scenas a que temos varias vezes assistido, sobretudo quando grassa alguma epidemia, são tristemente edificantes sobre o espirito da nossa gente. Valha a verdade que nas casas de sala acima se depara por via de regra um desmasêlo equivalente.

Emfim, e o que ha a dizer de mais triste, é isto: chega-se a abençoar a morte das creaturas. Impregnados num misticismo ignaro, veem-nas voar para o ceu; ou então com pessimismo estoico folgam em vê-las libertas das amarguras da vida. Nem sempre andam nestas faceis consolações influxos de philosophia ingenita; sob os laivos de commoda resignação, sente-se um endurecimento ás vezes repugnantissimo.”

Cronista da epidemia de cólera em Lisboa em 1894, como delegado da Câmara do Porto, acompanhou os estudos epidemiológicos de Miguel Augusto Bombarda (1851-1910), os trabalhos clínicos de Augusto Silva Carvalho (1861-1957) e Carlos Tavares e as análises bacteriológicas de Luís Câmara Pestana (1863-1899), com apurado sentido crítico e empenho. Sobre o trabalho desenvolvido por Câmara Pestana, Ricardo Jorge escreveu: “(...) vencendo á força de pertinacia as dificuldades extraordinarias da colheita, apurando com toda a minudencia a personalidade biologica do bacillo contrastada virtualmente de todos os modos, cortando por tantas miragens enganosas e tentadoras de espiritos faceis, inscrevendo enfim um paragrapho novo e seu em cholorigenia, - tudo isto constitue uma victoria rapida e brilhante de investigação experimental, victoria que deve ser com entusiasmo aclamada por todos quantos presem o brio e a honra da sciencia portugueza. O nome de Camara Pestana, já conhecido e citado pelos os seus bellos trabalhos sobre tetano, fica justamente relevado agora nos annaes da bacteriologia. Portugal já conta praça assente na primeira phalange dos bacteriologistas do mundo” (15). Sobre as palavras de Sousa Martins (1843-1897), então presidente da Sociedade de Ciências Médicas, acerca da epidemia de Lisboa de 1894, publicadas na *Revista de Medicina*, Ricardo Jorge elogia-as pela doutrina e o exemplo: “ (...) eu, correndo o risco – um dos muitos riscos profissionais – de me vêr lapitado pelas multidões com o dizer-lhes que a actual cholarina é da raça do cholera do Ganges, prefiro esse risco ao de me sentir mal com a consciencia, calando uma verdade ou, o que supponho ser uma verdade, cuja ignorancia poderá acarretar danos irreparaveis”. Atitude semelhante viria Ricardo Jorge a adoptar na epidemia da peste no Porto em 1899 em que teve “a desgraçada honra de ser o descobridor” (15) e que tão bem evidenciou aquando da publicação da sua origem e evolução: “ Como foi descoberta a peste no Porto? De que modo e em que data se encontraram os primeiros elementos da sua averiguação? A mais não visamos pelo momento n’estas poucas páginas que não pretendem de nenhum modo exaurir a sciencia applicavel ao caso. São simples e modestas com a Verdade: - também só a ella se bus-

cava, só ella foi achada sem receio d’erro, só ella foi dita sem quebra d’animo. A humildade do investigador nada mais podia querer – a não ser o respeito pela probidade e inteireza de quem consciamente trabalha. Mas os que passaram e se riram do esforço, pequenino mas são, ou quizeram malsinar de nefasta uma obra de salvação, não conseguiram nem demove-lo nem remove-lo”. Com a deflagração de uma epidemia no Porto, no verão de 1899, Ricardo Jorge dedicou-se ao seu estudo, numa fase em que “trabalhava só; tinha de ser tudo – clínico, epidemiologista, bacteriologista e higienista” (16). Obteve a prova clínica e epidemiológica. As provas bacteriológica

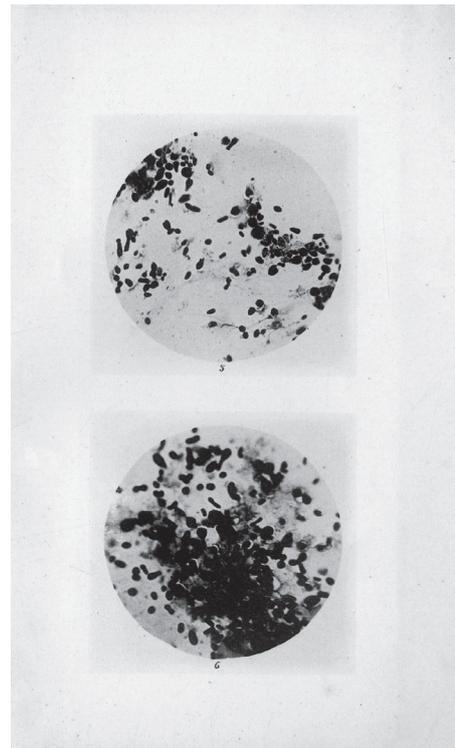


Fig. 5 - Preparações de Ricardo Jorge do bacilo da peste bubónica no Porto (1899). Fotografias de António Plácido da Costa. Museu de História da Medicina “Maximiano Lemos” da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto.

e experimental permitiram identificar o bacilo de Kitasato-Yersin (Figura 5). Toda a investigação decorreu no Laboratório Municipal de Bacteriologia cujos recursos o seu director não deixou de citar: “ Quem ao depois visitou o Laboratório Municipal de Bacteriologia e olhou para os recursos do seu pessoal e material, talvez se surpreendesse com a possibilidade do descobrimento, feito demais por um investigador que nunca vira o bacillo da peste” (16). O diagnóstico foi confirmado por Câmara Pestana, a pedido de Ricardo Jorge, e “as missões estrangeiras confirmaram totalmente, integralmente, tudo o que em materia de diagnostico e prognostico fora aventado pelo descobridor,” a quem ,mais tarde, se associou Sousa Júnior e Balbino Rego (Figura 6). A todos os bacteriologistas estrangeiros foi permitida a recolha do

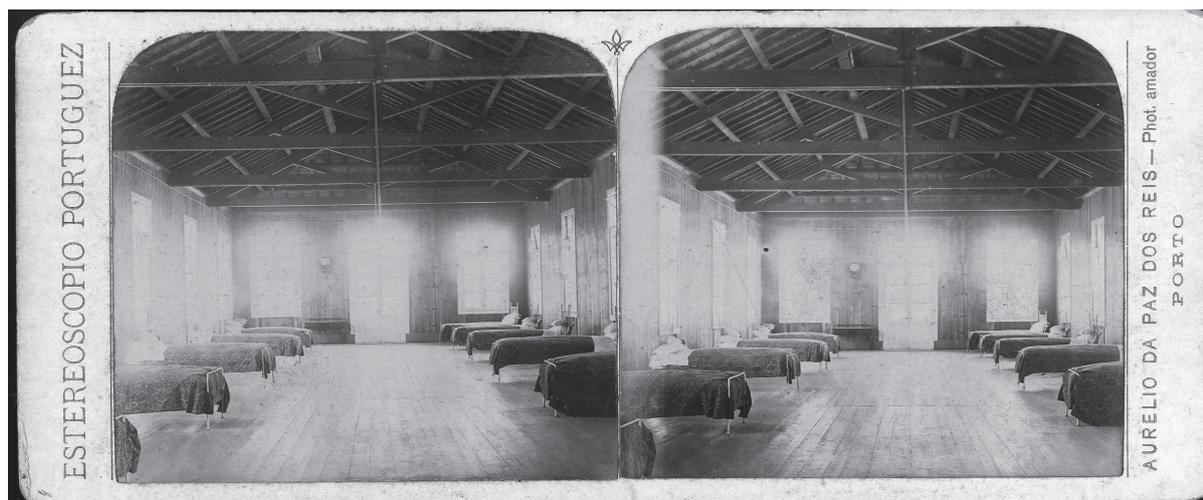


Fig. 6- Enfermaria especificamente organizada para o isolamento e o tratamento dos doentes de peste bubónica no Porto. Museu de História da Medicina "Maximiano Lemos" da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto.



Fig. 8 - Albert Calmette (1863-1933) e Luís da Câmara Pestana (1863-1899) no Laboratório de Bacteriologia do Porto. Museu de História da Medicina "Maximiano Lemos" da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto.

agente da peste e facultado o exemplar que serviu para o diagnóstico bacteriológico. Calmette esteve no Porto (Figura 7). A preparação do bacilo indiano que possuía permitiu confirmar a sua identidade absoluta com o bacilo do Porto. A coincidência nos resultados das diferentes provas bacteriológicas e experimentais comprovaram o diagnóstico.

A quem contou Ricardo Jorge pela primeira vez os resultados das suas investigações? "À auctoridade sómente. E esta obrigação não impedia só do cargo; dado que o não occupasse, da mesma forma procederia ainda. Compreendi muito bem que a existencia d'uma epidemia de peste, mesmo iniciante, ia perturbar a vida da cidade e do paiz. Ora o papel do descobridor da peste não me conferia o de arbitro supremo da sociedade portugueza.

Essa missão só cabe, que eu saiba, ao governo. A elle participei tudo, na mesma compreensão de dever, que me manteve calado para o publico" (16). A instauração de fortes medidas sanitárias na cidade prejudicaram os interesses comerciais e despertaram a revolta popular que a si foi dirigida em particular.

Na hora da despedida da Escola Médico-Cirúrgica do Porto dirigiu-se, por carta, ao seu director e aos restantes membros do Conselho nos seguintes termos:

"Ill. mo Exmo Snr.

Venho junto de V.^a Ex.^a e do Conselho cumprir um doloroso dever. Bem quizera fazel-o pessoalmente, mas já não me assiste o direto de sentar-me entre os que foram meus mestres e collegas; que o tivera ainda, não sentira

forças para proferir as palavras de despedida.

Amei essa casa desde que me sentei nos seus bancos; à sua sombra me criei; a ella devo o pouco que sou, com o seu arrimo fiz a minha carreira. Ao terminar do curso, affligia-me a ideia d' uma separação prolongada ou perpetua, mas a Escola maternalmente como que adivinhando este sentir, não me deixou estar senão meses fora do seu seio, lançando, há justamente 20 annos, a toga de professor sobre os hombros d'um rapaz ainda; desde então não houve hora e incentivo que não prodigalissasse. Retribuil - a não o pude nunca, mas dei-lhe tudo o que podia e que não poucas vezes me foi espinhoso; recolho-me ao menos com este lenitivo.

Sabem todos as circumstancias imprevistas que motivaram esta transferencia; foi um lance cruelissimo de vicissitude profissional, e nada mais. E ameaçado estava de ver terminada a carreira de professor, se uma Escola irmã me não acolhesse bizarramente n'um generoso impulso. Lá mesmo me sentirei sempre filho da Escola do Porto, e oxalá que eu ainda possa servir-a.

Perdoem V.^a Ex.^{cia} e os collegas se isto não é um officio, é uma carta ditada pelo coração de quem se despede do seu lar e dos seus amigos.

Deus guarde a V.^a Ex.^{cia} Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Director da Escola Medico Cirurgica do Porto

Porto, 31 de Maio de 1899" (5)

Ricardo Jorge encontrou na Escola Médica de Lisboa a receptividade necessária à prossecução do seu trabalho docente, de investigador e promotor de reformas sanitárias. No dizer de Ricardo Jorge "A hygiene d'hoje em dia maneja instrumental complexo – um de investigação permanente, os laboratórios – outro d'aplicação, os apparatus da technica sanitaria. Hygiene, sem este duplo material pôde ser erudita e facunda, mas não é perita nem fecunda. Ora, n'este desleixado e insciente paiz, d'essa materia sanitaria ha poucas e desagradadas particulas; e d'ahi o triste estado da medicina preventiva, ignorante e imbelle".

Consta das actas do Conselho Escolar da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa a informação sobre a transferência de Ricardo Jorge que viria a ocupar o lugar de segundo substituto da secção médica, sem concurso como era obrigatório por lei (14-III-1900): "É o professor Ricardo Jorge, em sua curta carreira do magistério, sobejamente conhecido por escritos relevantes de homem de ciência, afirmados como professor, como escritor e como práctico e ainda ha pouco corroborados vantajosamente na intelligência brilhante e galharda firmeza havidas ante a epidemia que assolou o Pôrto. Se no processo de eleição do pessoal docente importam sobretudo as conveniências do ensino - em que peze a omissões ou deficiências da lei - uma vez acatados os intuitos dela e resalvados com escrúpulo direitos adquiridos, a vinda de Ricardo Jorge a preencher a vaga de segundo substituto da secção médica da Escola de Lisboa deve, a um tempo, permitir-se e desejar-se. Nem êste conselho ousaria abrigar esperanza e presunção - seguramente illusórias - de adquirir por concurso quem houvesse de

igualar, quanto mais exceder, a consagrada valia daquele professor" (4). Fundou e dirigiu o Instituto Central de Higiene (28-XII-1899) e dirigiu a Instrução Geral de Saúde Pública, mais tarde, Direcção Geral de Saúde e Beneficiência (4-X-1899). O Ministro do Reino e presidente do Conselho José Luciano de Castro (1834-1914) nomeou Ricardo Jorge a 5 de Abril de 1900. Por decreto desta data criava-se a nova cadeira de Higiene Pública e Ricardo Jorge era promovido a lente proprietário por decerto de 21 de Junho desse ano. Ricardo Jorge ficava responsável pelo ensino da Higiene, leccionada no 4º ano do curso médico, e pelo curso superior de Medicina Sanitária do Instituto Central de Higiene. Mais tarde, em 1911, por sugestão sua, a disciplina do curso médico passou a designar-se Higiene e Epidemiologia. Enquanto professor "as suas licções cativavam pelo interesse que sabia dar ao assunto, pela autoridade e clareza com que expunha, pelo que havia de pessoal nas suas lições, pela beleza da forma literária". Era "um argumentador de respeito, um dos mais temidos" nos actos escolares. Os cargos que ocupou permitiram-lhe edificar a Higiene Pública nacional ao reformar a legislação vigente, ao promover a formação especializada de profissionais e a organização de serviços com uma missão e objectivos definidos.

Enquanto inspector geral dos Serviços Sanitários empenhou-se por uma nova orgânica na Saúde Pública nacional, sendo responsável pelos conteúdos da legislação sanitária editados em regulamentos, decretos, portarias ou officios, muitos reunidos no "Boletim dos Serviços Sanitários". A fiscalização dos géneros alimentícios e das águas potáveis, a inspecção sanitária escolar, a salubridade urbana e a sanidade marítima foram alguns dos temas que mereceram estudo e normalização. Conhecedor da realidade internacional e portuguesa foi inovador, mesmo pioneiro em várias directrizes.

A leitura das actas das sessões do "Office International d'Hygiène Publique" e da Sociedade das Nações permite testemunhar a sua mestria científica e o quanto contribuiu para divulgar a situação da Saúde Pública em Portugal e os estudos, as iniciativas e os seus resultados nesta matéria. A condicionar a operância da legislação sanitária estava o estado político, económico e social do país. A reforma de 1911 da administração pública permitiu a inclusão de novos projectos de profilaxia das doenças venéreas e da tuberculose. A transformação política de 1926 contemplou a criação de inspecções especializadas, a constituição de um quadro de sanitaristas, a atribuição de maiores poderes executivos aos médicos sanitários concelhios e estimulou as Câmaras Municipais a velar pela salubridade pública no seio de juntas municipais de Higiene e pela aquisição de financiamento estatal para fins sanitários. Todas estas medidas foram obra de Ricardo Jorge. Dia após dia Ricardo Jorge sensibilizou os dirigentes, aos mais diferentes níveis, para a importância do bem estar no desenvolvimento do país. Os frutos desse esforço começaram a surgir e a prova é perceptível nos resultados dos estudos demográficos da população portuguesa, elaborados pelo Instituto Central

de Higiene de quem foi fundador e director.

O decreto de 1929 tornava obrigatório o limite de idade. Ricardo Jorge cumpria 71 anos, 49 de serviço docente, 29 na Escola de Lisboa. Foi aprovado pelo governo a proposta do Conselho Escolar de Lisboa de dar o seu nome ao Instituto Central de Higiene que fundara. Continuou a Escola a solicitar o seu parecer ou a representação da Escola em reuniões científicas.

Ricardo Jorge soube aliar à ciência do tempo a erudição histórica constituindo um dos principais cultores da História da Medicina pátria. Quando o Professor Luís de Pina (1901-1972), professor universitário fundador do Museu de História da Medicina “Maximiano Lemos” da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto (1933), reorganizou este Museu nas novas instalações da Faculdade, na Asprela, atribuiu a uma das suas salas o nome de Ricardo Jorge. Prestou-lhe o fundador uma singela mas sentida homenagem. Este museu salvaguarda objectos e documentos que se relacionam com a sua vida e a sua obra (3).

REFERÊNCIAS

- 1 - Arturo Castiglioni. *História de la Medicina*. Barcelona; Bueno Aires: Salvat Editores, S.A., 1941.
- 2 - Amélia Ricon-Ferraz. Centenário de Ricardo Jorge. Lisboa, Anualia, Editorial Verbo. 2008-2009 (em publicação).
- 3 - Amélia Ricon-Ferraz. *Inventário do Museu de História da Medicina “Maximiano Lemos” da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto*. V.N.Gaia: Vítor Moreira – design & produção gráfica, 2003.
- 4 - Celestino Costa A. Ricardo Jorge Professor da Faculdade de Medicina de Lisboa. Lisboa: Editora Médica, 1941. Sep. da Revista Clínica, Higiene e Hidrologia. p. 1-7
- 5 - Escola Médica-Cirúrgica do Porto. Actas do Conselho Escolar. Porto: Escola Médica-Cirúrgica do Porto. 1900. f.[1].
- 6 - Escola Médica-Cirúrgica do Porto – *Livro das matriculas dos alumnos do 1º anno da Escola Medico Cirurgica do Porto*. Porto: Escola Médica-Cirúrgica do Porto, 1858. f. [170].
- 7 - Escola Médica-Cirúrgica do Porto – *Livro das matriculas dos alumnos do 2º anno da Escola Medico-Cirúrgica do Porto*. Porto: Escola Médica Cirúrgica do Porto, 1857. f. [151].
- 8 - Escola Médica Cirúrgica do Porto – *Livro das matriculas dos alumnos do 3º anno da Escola Medico Cirurgica do Porto*. Porto: Escola Médica Cirúrgica do Porto, 1858. f. [146].
- 9 - Escola Médica Cirúrgica do Porto – *Livro das matriculas dos alumnos do 4º anno da Escola Medico Cirurgica do Porto*. Porto: Escola Médica Cirúrgica do Porto, 1858. f. [145].
- 10 - Escola Médica Cirúrgica do Porto – *Livro das matriculas dos alumnos do 5º anno da Escola Medico Cirúrgica do Porto*. Porto: Escola Médica Cirúrgica do Porto, 1858. f. [155].
- 11 - Escola Médica Cirúrgica do Porto – *Termos de exames Medico-Cirurgicos*. Porto: Escola Médica Cirúrgica do Porto, 1869.
- 12 - Escola Médica Cirúrgica do Porto – *Termos de exames Medico-Cirurgicos*. Porto: Escola Médica Cirúrgica do Porto, 1881.
- 13 - Hernâni Monteiro – *Ricardo Jorge na Escola Médico-Cirúrgica do Porto*. Porto: Edições Marânus, 1941.
- 14 - Maximiano de Lemos – *História do Ensino Médico do Porto por Maximiano Lemos*. Porto: Tip. A vapor da Enciclopédia Portuguesa, 1925.
- 15 - Ricardo de Almeida Jorge – *A epidemia de Lisboa de 1894: Impressões d’uma Missão Sanitária*. Porto: Typographia Occidental, 1895.
- 16 - Ricardo de Almeida Jorge – *A peste bubonica no Porto, 1899: Seu descobrimento, Primeiros trabalhos*. Porto: Repartição de Saúde e Hygiene da Câmara do Porto, 1899. Sep. de: Anuario do Serviço Municipal de Saude e Hygiene da Cidade do Porto, Tomo II, 1899.
- 17 - Ricardo de Almeida Jorge – *Demographia e Hygiene da cidade do Porto*. Porto: Repartição de Saude e Hygiene da Camara do Porto, 1899. Sep. de: Anuario do Serviço Municipal de Saude e Hygiene da cidade do Porto, Tomo I, 1898.
- 18 - Ricardo de Almeida Jorge – *Hygiene Social applicada á Nação Portugueza: Conferencias Feitas no Porto Pelo Professor Ricardo D’ Almeida Jorge da Escola Medico-Cirurgica*. Porto: Livraria Civilização de Eduardo da Costa Santos, 1885.
- 19 - Ricardo de Almeida Jorge – *Peste Bubonique de Porto – 1899: Sa découverte Premiers travaux*. Porto : Typographia de A. J. da Silva Teixeira, 1899.
- 20 - Ricardo de Almeida Jorge - Um ensaio sobre o nervo-sismo (Dissertação Inaugural). Porto: Typografia Occidental, 1879.

Correspondência:

Prof.^a Doutora Amélia Ricon Ferraz
 Museu de História da Medicina
 Faculdade de Medicina da Universidade do Porto
 Alameda Prof. Hernâni Monteiro
 4250-319 Porto

e-mail: museuhm@med.up.pt